



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PIRIPIRI
DESIGN DE MODA

BRUNA AUSTINE WANDERLEI SILVA

CULTURA, ESTEREÓTIPOS E MODA CIGANA EM PIRIPIRI-PIAUÍ

PIRIPIRI-PI

2024

BRUNA AUSTINE WANDERLEI SILVA

CULTURA, ESTEREÓTIPOS E MODA CIGANA EM PIRIPIRI-PIAUÍ

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Design de Moda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Piripiri.

Orientadora: Professora Especialista Aderlange Souza Araújo.

PIRIPIRI-PI

2024

CULTURA, ESTEREÓTIPOS E MODA CIGANA EM PIRIPIRI-PIAUÍ

Autor(a): Bruna Austine Wanderlei Silva¹

Orientador(a): Aderlange Sousa Araujo²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral abordar aspectos da identidade cigana através do vestuário e como as características de suas vestimentas estão inseridas na sociedade do município de Piripiri-Piauí. Para tanto, o levantamento de dados qualitativos foi o mais eficaz neste artigo, os resultados foram colhidos em uma entrevista *in loco*, onde mostrou um pouco da cultura cigana na sociedade piripiriense e como eles estão inseridos na mesma.

Palavras chave: Ciganos piripirienses; Cultura; Moda.

ABSTRACT

The general objective of this article is to address aspects of gypsy identity through clothing and how the characteristics of their clothing are inserted into society in the municipality of Piripiri-Piauí. To this end, qualitative data collection was the most effective in this article, the results were collected in an on-site interview show a little of the gypsy culture in Piripiri society and how they are inserted in it.

Keywords: Piripirienses gypsy; Culture; Fashion.

Data de aprovação: 17/01/2024

¹ Graduanda. Instituto Federal do Piauí. Email: capir.2021116tdsm0052@aluno.ifpi.edu.br

² Especialista. Instituto Federal do Piauí. Email: aderlange.sousa@ifpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Os ciganos estão presentes na sociedade brasileira desde os tempos coloniais, espalhados em todo o Brasil, das mais densas cidades as menos numerosas. Não se sabe ao certo como é a divisão geográfica de cada grupo pelo país, portanto, a ausência de visibilidade cigana começa já na falta de interesse em pesquisas básicas sobre os grupos, "Moonen (2013, p.90) considera o censo brasileiro falho, para ela até hoje ninguém se interessou e foi capaz de saber, nem sequer aproximadamente, quantos ciganos vivem num determinado Estado, e menos ainda no Brasil todo".

Questiona-se como uma cultura tão rica é tão pouco explorada, culturalmente o vestuário cigano representa parte de quem eles são e é também um modo de se expressar, em seu TCC no ano de 2016, Bruna Fernanda afirma que "A vestimenta é um dos mais fortes traços identitários, uma vez que os elementos culturais e étnicos estão ali, expostos como cartão de visita de um povo". Percebe-se que alguns aspectos das vestimentas ciganas foram aderidos na sociedade, sem de fato conhecer a origem de suas vestimentas.

O vestuário dos homens ciganos não sofre tanta alteração, ao que tudo indica, eles nunca tiveram uma roupa 'típica', a não ser às vezes um imaginário 'vestuário cigano', mas apenas no meio artístico. A indumentária feminina por outro lado é bastante rica em adereços, enfeites, cores, camadas e etc. (Moonen, 2013). Existe uma grande diversidade cultural até mesmo entre os ciganos, mas os pertencentes a cidade de Piripiri, seguem todos os mesmos costumes e partilham das mesmas crenças.

Na iniciação desta pesquisa foi visto uma limitação de artigos sobre o vestuário cigano e a cultura cigana no Brasil em geral, a bibliografia sobre ciganos no Brasil é muito reduzida, por causa da quase inexistência de antropólogos e outros cientistas que realizaram pesquisa sobre os ciganos brasileiros (Moonen, 2013) e há uma limitação ainda maior sobre os Ciganos Piripirienses, ao qual esta pesquisa foi destinada.

O presente artigo aborda aspectos da identidade cigana através do vestuário, analisando os contextos socioculturais, a permanência ao longo do tempo de sua identidade e como as características de suas vestes estão inseridas no vestuário da sociedade no município de Piripiri-Piauí. O artigo também trata da identidade cigana e como o grupo reage e reconstrói sua identidade diante de outros cenários sociais, para a melhor visualização da interpretação da moda cigana na cidade de Piripiri criou-se um *look* inspirado nas mulheres ciganas.

Essa pesquisa insere-se no contexto das Ciências Sociais, especificamente dentro da Antropologia e a Sociologia, uma vez que assumem uma influência sobre outras culturas. Por esse motivo, a metodologia qualitativa estudando os aspectos subjetivos da sociedade e do comportamento cigano foi a mais adequada para esse estudo.

A pesquisa foi dividida em três etapas, a primeira etapa constitui-se em um levantamento bibliográfico sobre a cultura cigana, já na segunda etapa foi feita uma entrevista semi-estruturada com uma representante da comunidade cigana onde foram colhidos dados para a melhor desenvoltura desse projeto, Fernandes (1991 *apud* Alves e Silva, 1992), ao debater o trabalhar com relato oral, argumenta que ao conduzir uma entrevista, o pesquisador estabelece uma relação com os entrevistados, por isso a escolha da entrevista foi relevante nesse projeto, a terceira etapa designou-se a produção de um *look fashion* inspirado nas mulheres ciganas.

Por fim, essa pesquisa pretendeu acrescentar academicamente e socialmente com a intenção de dar visibilidade à cultura cigana piripiriense e inseri-los ainda mais na sociedade, desmistificando a cultura do povo cigano.

2 DIASPORA CIGANA E INSERÇÃO NO BRASIL

Mantém-se um certo desconhecimento sobre o início da dispersão cigana, mas, estudos apontam que possivelmente a migração deu-se início no norte da atual Índia, das regiões do Punjab e Rajastão, entre os séculos VI e XI, quando eles cruzaram o Oriente Médio e entraram na Europa. Os imigrantes ciganos no início foram vistos como um entretenimento no dia-a-dia europeu, naquele período, mas não demorou muito para serem interpretados de outra forma, pois tinham sua própria cultura e suas crenças trazendo desconhecimento e estranheza para os europeus e gerando um certo preconceito (Cairus, 2020). Foi na Europa também que houve a criação dos primeiros estereótipos ciganos, onde espelhava-se que ciganos eram ladrões e mentirosos gerando violência e a perseguição dos mesmos e em muitos países a expulsão ou a migração forçada (Moonen, 2013).

A chegada dos ciganos no Brasil embora conhecida de fato não tem muitos registros, assim como afirma Mayara Lopes em seu TCC:

As documentações sobre a história dos ciganos no Brasil ainda são bastante limitadas e imprecisas, principalmente até o século XVIII, época que coincide com a maior entrada de ciganos no país devido à intensificação da deportação portuguesa no fim do século XVII. Inicialmente, a chegada dos ciganos se deu pela capitania do Maranhão, mas há registros de que a partir de 1718, eles já estavam em outras capitanias do país (Lopes, 2021, p. 34).

Sabe-se que no Brasil a existência de pelo menos dois grupos distintos de ciganos: os *calon* que foram deportados de Portugal para o Brasil a partir do Século XVI, mas principalmente a partir do Século XVII, e os *rom* que, teoricamente, migraram voluntariamente para o Brasil somente a partir do Século XIX (Moonen, 2013 p. 89). Ressalta-se que cada grupo tem suas particularidades e seus meios comuns:

Os *calon* e os *rom* compartilham alguns valores em comum e se percebem como um povo distinto em comparação aos *gadjés*, “não ciganos”, tendo diferentes identidades baseadas no idioma (calé e romanês), nos valores morais, nas crenças espirituais, no parentesco e nos laços de clã. Apesar de terem características culturais distintas e não homogêneas, eles não formam um grupo fenotipicamente coeso no Brasil (Cairus, 2020).

Os *calon* foram lentamente assimilados no Brasil colonial e conquistaram um espaço de prestígio como comerciantes de escravos. Ciganos não ibéricos, ou *rom*, provindos da Europa Oriental, se dividiam principalmente nos subgrupos *kalderach*, *machuaia*, *rudari*, *horahane* e *lovara*. Esses ciganos migraram de diferentes regiões da Europa e geralmente tinham, coletiva ou individualmente, mais de uma nacionalidade, havendo entre eles italianos, checos, romenos, húngaros, russos e gregos (Cairus, 2020).

2.1 CLONS E ROM

Alguns *calons* apresentam até hoje um comportamento nômade, mantendo o costume de montar acampamentos onde habitavam em barracas. As mulheres *calons* expressam-se vividamente em seu vestuário, diferentemente do que é pensado elas utilizam roupas do meio não cigano, como calças jeans, camisetas, porém fazem customizações com franjas, decotes, bordados e apliques deixando assim um pouco de sua cultura e respeitando suas crenças. A peça mais importante da indumentária feminina é a saia que pode estar ligada a um vestido ou

a um conjunto de duas peças, o vestuário das mulheres *colons* em geral é produzido por uma costureira. (Araújo, 2019).

Os conjuntos são compostos por duas partes principais: a saia com o comprimento variando sempre abaixo dos joelhos e uma blusa com a região do ventre bem ajustada ao corpo, alguns modelos podem ter mangas soltas que ficam presas ao braço por elásticos. Com cores bastante saturadas e contrastantes eles são ornamentados com laços, fitas, rendas, lantejoulas, bordados e babados. As cores vibrantes da indumentária e das barracas podem ter ajudado a alimentar a ideia de que o povo cigano é alegre e festivo (Araújo, 2019, p. 71).

A indumentária masculina dos ciganos *calons* não mostra tanta alteração quanto a das mulheres os homens mantêm-se um estilo parecido com os dos *gadjes* (homem branco/não cigano), enquanto as mulheres mandam fazer suas roupas os homens compram as deles já prontas. Ferrari (2010) caracterizou o estilo dos ciganos *colons* como country ou sertanejo. (João, 2019).

Os ciganos *rom*, mesmo que pertencendo à mesma etnia dos demais, não representam um povo homogêneo, uma vez que se diferenciam uns dos outros em cada lugar que habitam e adquirem outros hábitos além dos seus. Por terem tido uma migração fracionada, foram para diversas regiões, incorporando assim características de cada lugar por onde passavam, agregando-as às suas condições socioculturais. Apesar disso, essa tribo em especial têm maior tendência à conservação de suas tradições, língua e costumes próprios, por se tratar da mais antiga e tradicional tribo cigana (Luciano Marsiglia, 2008 *apud* Bruna Silva, 2016).

O vestuário dos ciganos *rom* se mantém mais tradicional, as mulheres das tribos costumam usar saias longas rodadas e volumosas, com sobreposições em várias camadas de tecido, que simbolizam a riqueza da cigana que a usa. Quanto mais rodada e volumosa a saia era, mais força tinha a mulher (Figura 1). Também usam saias até o tornozelo, que significa recato e ao mesmo tempo sedução, acreditando ainda que a saia protege e guarda o útero – de onde vêm seus filhos, a dádiva de ser mãe e a perpetuação da tribo (Araújo, 201).

Figura 1 - Vestido em camadas



Fonte: Pinterest, 2024.

2.2 VESTUÁRIO DA MULHER CIGANA

As mulheres ciganas têm um estilo de vestimenta diferente, principalmente dependendo da idade ou estado civil. Cada cigana vai alterando o tipo de roupa influenciada por diversas questões, como a permissão dos pais em relação às crianças e jovens até por volta dos 13/14 anos. Normalmente, elas podem usar calças, saias, blusas e vestidos mais curtos, mas ainda existem famílias mais tradicionais onde até mesmo as crianças pequenas usam roupas mais compridas. Mais uma das razões que afeta o modo de se vestir das mulheres ciganas é quando as jovens atingem a idade de 15/16 anos e ainda não estão comprometidas. Com o intuito de atrair mais a atenção dos rapazes, seus futuros pretendentes, elas passam a optar por roupas mais reveladoras, a fim de exibir o corpo (Marques, 2021).

Uma característica forte nas mulheres ciganas, onde elas expressam o orgulho por sua identidade, são suas roupas bordadas a mão, brilhantes e coloridas (Figura 2). Mesmo enfrentando diversos preconceitos nas cidades em que vivem, elas persistem em se vestir de forma autêntica, resistindo com firmeza para serem verdadeiramente quem são (Queiroz, 2017).

Figura 2 - Roupas cigana



Fonte: Pinterest, 2024.

As mulheres ciganas utilizam um vestuário específico e único para o dia de seu casamento, as roupas são bem trabalhadas e coloridas, o vestido da noiva foge totalmente dos padrões estabelecidos, são vibrantes, as tonalidades são intensas e simbólicas, trazendo

bastante personalidade, geralmente os vestidos de noiva são vermelhos (Figura 3), mas podem ser também branco ou rosa (Religare, 2018).

Figura 3 - Vestido de noiva



Fonte: Folha de S.Paulo, 2014.

3 CIGANOS NO PIAUÍ

O Piauí é conhecido por ter uma grande diversidade de tradições e culturas, uma delas são as dos povos ciganos que residem no território piauiense, segundo o portal de notícias G1 PI, há mais de 107 anos. A primeira cidade piauiense por onde passaram foi Esperantina, por volta de 1913, onde aconteceu o maior massacre contra o povo cigano por causa do preconceito com a cultura cigana, mas eles resistiram e mantiveram vivas suas tradições e costumes no Piauí (G1, 2021).

Segundo o portal de notícias G1 PI, no ano de 2021, na cidade de Piripiri reside uma comunidade cigana que, na época de publicação da matéria, era composta por 80 pessoas que mantêm suas festas e preservam a cultura deixada pelos seus antepassados. A matéria no portal -G1 PI- não é muito extensa, traz informações sucintas e não especifica quais grupos ciganos residem no Piauí, informa a existência de um templo na zona norte de Teresina que é dedicado ao povo cigano e finda às informações comunicando a existência de um filme sobre o massacre dos ciganos na cidade de Esperantina.

Presentes a bastante tempo na sociedade brasileira, os ciganos foram e ainda são um povo invisíveis socialmente e academicamente, observou-se um hiato existente na exploração acadêmica sobre a história, os costumes e a moda cigana, partiu-se a inquietação sobre o tema, com a intenção de explorar, entender e conhecer uma cultura antiga que foi e ainda é tão estereotipada na sociedade, que traz vivências de situações preconceituosas e pouco exploradas, visto que segundo Frans Moonen existe uma falta de interesse no estudo sobre os ciganos, mostrando assim que o povo cigano ainda vive um estigma social.

O desconhecimento de uma cultura tão rica e diversa deixa lacunas em alguns aspectos, tanto socialmente como esteticamente, trazendo como exemplo um questionamento da pesquisadora, houve uma adesão de algumas peças/estilos, estampas das roupas das ciganas mas pouco se é conhecido o motivo e o porque o grupo veste-se assim. O vestuário é uma forma de se expressar e transmitir por meio externos quem somos, é uma ferramenta de comunicação social. A indumentária cigana é rica em adereços, adornos e uma modelagem específica permitindo assim a identificação de sua etnia apenas por olhar a maneira que estão vestidos.

Sabe-se que cada grupo tem suas particularidades, seus costumes e uma história é importante ressaltar o que os ciganos são um grupo de pessoas muito extensos localizados em várias regiões do Brasil, esse projeto terá como base de estudos um grupo localizado no interior do Piauí na cidade de Piripiri, cidade esta que segundo *site* G1 no senso de 2022 haviam 65.450 habitantes, não há especificação para quantos desses habitantes são cigano, o estudo embasou o conhecimento e a contextualização da história do grupo com suas experiências de vida trazendo assim o contexto para a sociedade piripiriense. A relevância desse projeto se faz presente na contribuição para a quebra dos estigmas presentes com a população cigana.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada para este projeto é a qualitativa, pois foi estudado os aspectos subjetivos da sociedade e do comportamento cigano. O trabalho foi realizado na cidade de Piripiri-PI com os representantes da comunidade cigana nos meses de outubro e novembro de 2023.

A pesquisa aconteceu em três etapas. A primeira etapa constituiu-se em uma pesquisa bibliográfica, no qual o levantamento de dados e informações foram colhidos através de artigos e Trabalho de Conclusão de Curso contidos nos *sites* Google Acadêmico. Nesta etapa conheceu-se um pouco sobre a cultura cigana no Brasil e na região Nordeste com enfoque no Estado do Piauí. Existe ainda uma grande limitação de artigos que falem da presença cigana no Nordeste, infelizmente não tem-se dados precisos ou destinados a isso.

A segunda etapa aconteceu *in loco*, onde a pesquisadora visitou a comunidade cigana de Piripiri, e aplicou uma entrevista semi-estruturada com uma participante da comunidade cigana, que vive de forma fixa no município de Piripiri há nove anos. Tendo em vista que a entrevista é uma forma de interação social e também uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade do comportamento humano (Gil, 2008), o objetivo dessa conversa foi conhecer a cultura e a vida cigana e analisar como suas vestes estão inseridas na sociedade piripiriense, sabe-se que é difícil ter um estudo sobre o vestuário, na revista Estande da moda, edição de 2019, tem-se um capítulo dedicado à cultura e indumentária cigana - especificamente dos *calon*, que diz “não tivemos acesso a publicações ou pesquisas que se dediquem ao estudo desses artefatos da cultura *calon* brasileira a partir da ótica do design” mostrando assim uma pequena lacuna nesse quesito, uma das intenções desse projeto é contribuir com o preenchimento desse hiato.

A terceira etapa ocorreu logo após a coleta de dados. Foi desenvolvido uma peça com inspiração no vestuário cigano, especificamente o vestuário feminino. Houve a confecção de desenhos, que representavam um pouco da cultura cigana com adereços do vestuário não cigano, foi percorrido o passo a passo para a criação do *look*. A criação do *look fashion* teve a intenção de respeitar as crenças ciganas e embelezar ainda mais as mulheres, aplicando ainda um toque de modernidade.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada, com uma participante da comunidade cigana, que vive de forma fixa no município de Piripiri há nove anos. O objetivo dessa conversa foi conhecer a cultura e a vida cigana e analisar como suas vestes estão inseridas na sociedade piripiriense.

Ao decorrer da conversa, a senhora Vivian, relatou como é a cultura cigana, “todos partilham dos mesmos costumes”. Em uma parte da entrevista ela afirma: “Nossa cultura é fechada antes a gente morava em barracos, mas agora começamos a morar em casa mesmo, sossegamos, a gente andava de cidade em cidade viajando, até agora, nós estamos estabelecidos aqui”. Vivian fala sobre encontros com o grupo e que eles são um povo unido, o que acontece com um, todos sabem e procuram ajudar, sempre se envolvem.

Um fato interessante relatado por Vivian, é que as mulheres ciganas gostam de mostrar suas vasilhas de alumínio, ela afirma que: “elas fazem questão de comprar as vasilhas e arriar e deixar bem limpinha ali pra mostrar pra todo mundo que passar ali vê. Aquilo ali é orgulho pra ela”. Mostra como a mulher cigana é zelosa e uma boa dona de casa.

Trazendo para o contexto da presença feminina na cultura de seu povo, Vivian disse que: “O dever da mulher é cuidar da casa, dos filhos e está sempre bem vestida, sempre de roupa longa e cabelos longos”.

Dentro do contexto cultura falou-se também sobre o vestuário da mulher cigana, sobre a riqueza de detalhes e as cores vibrantes, Vivian disse que não se encontra peças prontas para o uso, principalmente vestidos de festa, mas há uma costureira que faz as roupas conforme o gosto das mulheres, ela disse também que algumas mulheres ciganas entram no ramo da costura para produzirem suas peças. Vivian descreve o vestuário da mulher cigana com alegria, “nois ciganas gosta daquelas saias bem rodadinhas com bastante brilho e sakulejo umas blusinhas assim de manguinha”, sakulejo seria uma roupa fluida com bastante movimento, completando o visual as mulheres ciganas usam cabelos compridos, quanto maior para elas mais bonito é.

Percebeu-se o gosto e o orgulho de sua origem nas falas de Vivian principalmente quando o assunto voltou-se para o vestuário da mulher cigana “a roupa cigana pra mulher mesmo, é um manto da gente mesmo. Uma coisa que quem vê diz assim ‘a aquela ali é cigana pelo modo de vestir’ é cada vestido lindo, é cada roupa detalhada mesmo que assim quanto mais o vestido mais enfeitado for melhor é pra gente, mais linda a gente se acha”. As mulheres ciganas gostam de estar bonitas e cheias de enfeites em suas festas, no dia a dia elas usam roupas comuns, como saias compridas e blusas de manga em geral cobrindo o corpo.

A moda cigana, como dito pela própria entrevistada, serve de identidade visual e é cultural a maneira delas se vestirem, mesmo em casa as mulheres ciganas usam vestes compridas e rodadas, mas sem muitos detalhes, pois a produção maior está nos momentos de festividades.

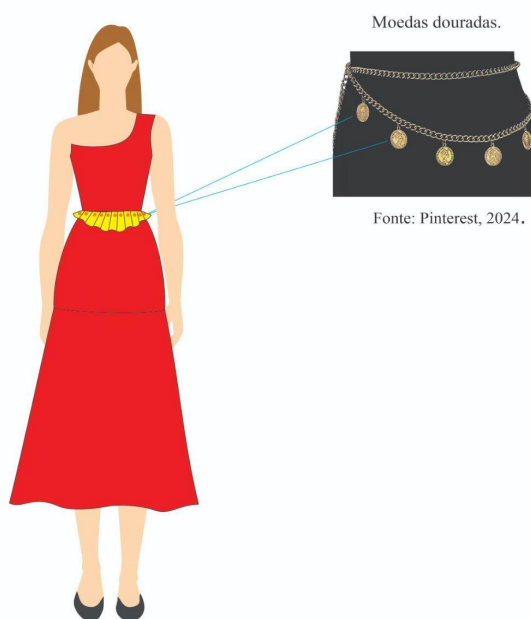
Há também, infelizmente, relatos de preconceito contra seu povo, Vivian disse “assim quando a gente entra em uma loja segue a gente, tem outros estabelecimentos que não aceitam a gente” observa-se o estereótipo presente na crença de que o povo cigano é um povo ladrão. Mesmo tendo momentos como esse Vivian disse que eles gostam da cidade de Piripiri e não existe apenas o lado preconceituoso, muitos moradores gostam deles também.

Analisando-se a cultura cigana e seus hábitos partiu-se a criação de uma peça do vestuário feminino, trazendo uma modelagem um pouco diferente, com bastante cor e moedas douradas, como as mulheres ciganas gostam.

A criação do *look* teve a finalidade de transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa e mostrar a importância da cultura e do vestuário cigano. O *look* foi inspirado nas mulheres da comunidade, mas não está destinado somente ao uso das ciganas, mulheres não ciganas também podem fazer a utilização do mesmo, por isso a modelagem

trouxe um toque mais moderno, mas que respeita os costumes e a cultura cigana, o *look* foi pensado para embelezar quem o vestir. Pode-se perceber que utilizamos a moda cigana em várias ocasiões de criação do nosso vestuário, na utilização em decotes, cores vibrantes, modelagens mais soltas e vestimentas compridas.

Figura 4 - Vestido assimétrico



Fonte: elaborado pela autora, 2024.

A utilização da modelagem assimétrica teve a intenção de trazer uma modernidade para a peça sem perder a essência cigana, onde a mulher deve sempre estar bem arrumada e bonita, o babado utilizado na cintura faz referência ao franzido do decote ciganinha, o corpo da roupa se matem um pouco reto com algumas curvaturas para dar um pouco de movimento, já a última saia foi pensada para ser um pouco mais armada e com um leve movimento, a cor escolhida para o vestido foi o vermelho por ser uma cor viva e vibrante, já o babado ficou em um tom de amarelo que passa um semblante alegre.

No babado há a aplicação das moedas douradas, muito utilizadas pelos ciganos em sua vestimenta, elas trazem mais brilho e embelezamento a peça, afinal as mulheres gostam de se sentirem bonitas com suas roupas, um dos tecidos adequados para a produção desta peça é o crepe acetinado, pois ele possui uma textura levemente áspera e é ideal para fazer peças fluidas, o brilho do tecido traz glamour à peça.

A ficha técnica foi produzida para melhor observação da peça e seus detalhes de produção, como mostra a Figura 5.

Figura 5 - Ficha Técnica
Ficha Técnica

Descrição	Vestido assimétrico		Grade				
Estilista	Bruna Austine		PP	P	M	G	GG
Tecido		Cores	X	X	X	X	X
Crepe acetinado		Vermelho					
		Amarelo					
Composição do tecido		Largura	Gramatura		Tipo de fibra		
100% poliéster		1,40m	160 g/m².		Sintética		
Frente Costa							
Aviamentos		Tipos de materiais	Quantidade		Costura/ Acabamento		
Moedas			1m				
Zíper		Zíper invisível tam. 50cm	1 unidade		(X) Reta (X) 2 agulhas (X) Ovrloque () Interloque () Galoneira () Casadeira		
Parte operacional:		1 fazer as pences das costas, máquina reta agulha nº 2, costurar ombro frente com ombro costa, máquina reta nº 9. 3 unir a parte superior e inferior, máquina reta agulha nº 9. 4 unir última saia, máquina reta agulha nº 9. 5 fazer acabamentos na máquina overloque. 6 costurar zíper nas costas.					

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Figura 6 - Protótipo da peça



Fonte: composição elaborada pela autora, 2024.

O protótipo da peça foi feito com algodão cru, pintado com tinta e todo costurado a mão, as moedas que compõem o *look* foram representadas por miçangas douradas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa, percebe-se que a inserção cigana na sociedade acontece de forma sucinta, pois mesmo vivendo em uma sociedade moderna os estereótipos ciganos ainda estão presentes. Apesar de algumas situações constrangedoras, tem-se também um lado de acolhimento a cultura e a moda cigana, como a costureira que faz as roupas de festa das mulheres, a entrevistada citou que a costureira aprendeu a fazer as roupas conforme elas gostam tendo necessidade apenas da foto com a escolha do modelo desejado.

Assim pode-se observar que o vestuário cigano não está completamente inserido na sociedade piripiriense, mas também não está excluído, a inserção ocorre de forma sucinta e ainda é necessário um olhar mais minucioso para esse grupo, só assim os estigmas presentes no ser cigano serão esfacelados.

Este estudo pode ser utilizado como estímulo para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre a comunidade cigana piripiriense. Acredita-se que seria de grande importância um estudo populacional e etnológico mais aprofundado sobre esse povo tão rico com sua cultura e tão estigmatizado pela falta de informação básica da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Z. M.; SILVA, M. H. **ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS DE ENTREVISTA: UMA PROPOSTA**. Ribeirão Preto, 1992.

ARAÚJO, João. O corpo nômade e a indumentária cigana: o caso dos *calons* do estado de São Paulo. **Na Estante da Moda**, Atena editora 2019. v.1, p. 66 Disponível em: https://cdn.atenaeditora.com.br/artigos_anexos/cap7_d1c367dbc3606ded596f0e1f520791110f907395.pdf . Acesso em: 09 de jun. de 2023.

CAIRUS, Brigitte. **A construção das identidades ciganas no Brasil: Jornal da USP Especial**, 2020. Disponível <https://jornal.usp.br/especial/revista-usp-117-a-construcao-das-identidades-ciganas-no-brasil/>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

Comunidades resistem e mantêm viva a tradição cigana no Piauí. **G1 PI**, Piauí, 27 de fev. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/piaui-de-riquezas/noticia/2021/02/27/comunidades-resistem-e-mantem-viva-a-tradicao-cigana-no-piaui.ghtml> . Acesso em: 09 de jun. de 2023.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, Mayara. **CAMINHANDO COM OS POVOS CIGANOS: aproximações entre processos históricos e interculturais do anticiganismo e descolonização da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo. Santos, p. 89. 2021.

MARQUES, Samaritana. **CRÔNICA: A VOZ DO CIGANO – O VESTUÁRIO DAS MULHERES CIGANAS**. Amato lusitano, 2021. Disponível em: <https://www.amatolusitano-ad.pt/media/noticias/cronica-a-voz-do-cigano-o-vestuario-das-mulheres-ciganas/> Acesso em: 15 de dez. de 2023.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil**. Recife, 2013. Disponível em : <https://docplayer.com.br/15793535-Anticiganismo-e-politicas-ciganas-na-europa-e-%EF%BF%BEno-brasil-frans-moonen.html> Acesso em: 19 de jun. de 2023.

População de Piripiri (PI) é de 65.450 pessoas, aponta o Censo do IBGE. **G1 PI**, Piauí, 28 de jun. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/06/28/populacao-de-piripiri-pi-e-de-65-450-pessoas-aponta-o-censo-do-ibge.ghtml> Acesso em: 15 de dez. de 2023.

QUEIROZ, Nana. **Mulheres ciganas: um retrato brasileiro: Outras Mídias**, 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/mulheres-ciganas-um-retrato-brasileiro/> Acesso em: 16 de dez. de 2023.

RELIGARE, Maria. **Conhecem o casamento cigano? Contamos tudo sobre as suas tradições: Casamentos.com.br**, 2018. Disponível em: <https://www.casamentos.com.br/artigos/conhecem-o-casamento-cigano-contamos-tudo-sobre-as-suas-tradicoes--c8071> Acesso em: 17 de dez. de 2023.

SILVA, Bruna. **O RESGATE CULTURAL DA IDENTIDADE CIGANA APLICADA AO VESTUÁRIO FEMININO**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Faculdade em Tecnologia em Design de Moda, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana p. 190. 2016.